

GEOGRAFIA: FORMAÇÃO, ESCOLAS E INSTITUCIONALIZAÇÃO

*José Borzacchiello da Silva**

RESUMO

O presente estudo traça a trajetória da Geografia dentro da história, comentando suas várias fases até que se chegue a atual situação em que o trabalho do geógrafo ganha destaque e a disciplina, muitas vezes, questionada quanto ao fato de ser ou não uma ciência, enfim tem conquistado o devido reconhecimento, sendo necessário destacar que a Anpege tem grande responsabilidade nesse avanço, por resgatar a historicidade da Geografia tanto na perspectiva de sua epistemologia quanto na condição de estrutura institucional e cumprir com o seu papel político na pesquisa e na pós-graduação. Explorando os estágios pelos quais esta ciência passou, percebe-se que o constante fazer e desfazer do mundo, o capitalismo, a globalização, os avanços tecnológicos e os meios de comunicação romperam com as noções de tempo e espaço, transformando constantemente a realidade, objeto de leitura e fonte de pesquisa e estudo da Geografia.

PALAVRAS-CHAVE: história, Anpege, formação, institucionalização, pós-graduação.

ABSTRACT

The present study outlines the course of Geography throughout History, commenting on its various stages until the present situation, where the job of the geographer becomes outstanding and the subject-matter – so often questioned whether being a science or not – eventually

* Professor -Doutor, titular da UFC.

gains acknowledgment. It is necessary to point out how much Anpege has a great responsibility regarding such an advance, for retrieving the historical strength of Geography both from its epistemological perspective and in its condition of institutional structure playing its political role in research and graduate schools. Exploring the stages which this science have gone through brings the realization of how the constant doing and undoing of the world, capitalism, globalization, technological advances and communication media have disrupted the notions of time and space, transforming reality that is the object of reading and source of research and study for Geography.

KEY WORDS: History, Anpege, formation, institutionalization, graduate schools.

INTRODUÇÃO

A geografia brasileira conquistou seu lugar no mundo. Reconhecida por sua qualidade e variedade de abordagens, a produção geográfica brasileira tem sido destacada por profissionais competentes de renome internacional. É bem verdade que esse reconhecimento é recente. Também é verdade afirmar que, apesar do reconhecimento, são poucos os geógrafos brasileiros com trânsito internacional. Nossas formulações teóricas não são facilmente localizadas em bibliotecas das grandes universidades européias e norte-americanas.

A organização e sistematização da geografia brasileira recebeu forte apoio oficial. O IBGE exerceu papel relevante na ancoragem da disciplina e a necessidade de sua aplicação no reconhecimento, descrição e mapeamento do território brasileiro foi basilar para o seu desenvolvimento entre nós. É bem verdade que, poucos anos atrás, o saber geográfico se consolidava no país de forma sistemática com a criação do curso acadêmico de Geografia na Universidade de São Paulo, em 1934. Data também dessa época, a criação da Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB, de importância ímpar na produção e divulgação deste saber científico no país.

Entre o período que separa a fase inicial da estruturação da Geografia e este momento – em que se discute o papel político da Anpege na pesquisa e

pós-graduação em Geografia no Brasil –, vislumbra-se um vasto caminho que foi percorrido e revela a passagem de entidades mais generalistas, envolvendo a Geografia em toda a sua amplitude, à uma específica que se ocupa exclusivamente da pós-graduação. Com suas idas e vindas, a Geografia brasileira é vitoriosa no avanço científico, na introdução de novos métodos, na incorporação de técnicas inovadoras e na sutileza de suas análises.

Constata-se o avanço da produção científica brasileira e nela a Geografia mostra sua cara. O geógrafo insiste em obter reconhecimento, malgrado, uma espécie de pecha que colocava ou coloca em dúvida a cientificidade da Geografia. São muitos aqueles que tiveram, aparentemente, o reconhecimento público de sua produção. Poucos, entretanto, se for considerado o número de profissionais egressos deste enorme campo do conhecimento.

Referindo-se à geografia, afirma Villaça:

Serei deliberadamente um pouco provocativo. Voltamos a uma velha questão que foi a fonte de uma espécie de crise de identidade da Geografia. Dada a tônica e o foco espacial deste trabalho, estou considerando todos os participantes geógrafos. Nossa preocupação principal é o espaço. Então, todos nós, economistas, arquitetos, sociólogos ou geógrafos, das duas uma: ou somos todos geógrafos, porque a nossa preocupação é o espaço (...) para criar um neologismo para quem não quiser ser chamado de geógrafo, somos todos espaçoólogos.¹

Fica evidente na fala de Villaça a forma como a Geografia perpassa os vários campos de conhecimento. Esta interface ou mesmo sobreposição, induz à constatação do caráter integrador do conceito de espaço na interpretação e análise da dinâmica da sociedade em sua relação com a natureza. O reconhecimento da Geografia, como ciência de apoio e de destacado papel correlato, impõe a permanente necessidade de atualização teórica e de revisão metodológica.

A pertinência da Anpege no estabelecimento de ações políticas na congregação dos diversos programas responsáveis pela produção científica em Geogra-

¹ VILLAÇA, F. Um ângulo de síntese: a análise do espaço. In: GONÇALVES, M. F.; BRANDÃO C. A.; GALVÃO, A. C. (Orgs.). *Regiões e cidades, cidades nas regiões*. São Paulo: Unesp/Anpur, 2003.

fia, no âmbito da pós-graduação, pressupõe discutir alguns antecedentes:

- No Brasil, o direito ao exercício profissional e o respectivo reconhecimento e delimitação do campo de atuação é adquirido mediante a conclusão do curso de graduação;

- A graduação em Geografia pode ser obtida em duas modalidades: a licenciatura ou o bacharelado. Ambas habilitam seus profissionais para o exercício profissional.

Isto quer dizer que a obtenção do título de pós-graduação em Geografia não habilita os portadores de diplomas de Mestre ou Doutor ao exercício profissional nesta área. Esta limitação, em termos de habilitação para o exercício profissional, reforça a expressão adquirida pela Geografia nos últimos anos, ampliando o papel político da Anpege na estruturação e qualificação dos cursos de pós-graduação em Geografia. Não é desprezível o número de profissionais de outras áreas do conhecimento que acorrem aos programas de pós-graduação em Geografia, para cursarem suas disciplinas e obterem seus títulos correspondentes.

Agindo em frentes distintas, a Anpege amplia a área de atuação da Geografia ao mesmo tempo que aperfeiçoa os canais existentes e abre outros, para o aprimoramento do campo científico específico. Referindo-se à organização da ciência, Capel afirma que:

A existência de uma comunidade científica especializada modela o pensamento de seus integrantes e, com o tempo, origina o que se tem denominado estilos de pensamento, que determinam a eleição dos problemas científicos, as perguntas que são feitas, guiam as observações, estabelecem as regras para se trabalhar e ainda predeterminam o vocabulário que se há de utilizar. O que em muitas disciplinas científicas se denominou de ponto de vista, talvez não seja mais que uma aplicação do estilo próprio de pensar da comunidade.²

A comunidade teria um forte poder direcionador de se pensar a ciência a partir de sua organização e de seus pressupostos. É muito grande a responsa-

² CAPEL, H. *O nascimento da ciência moderna e a América*. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 1999, p. 20, 21.

bilidade social e política de uma entidade coordenadora e articuladora de um vasto campo de conhecimento como o da Geografia. Na perspectiva de resgatar a história recente da Geografia brasileira, considerando sua inserção num mundo extremamente dinâmico, logo, de difícil apreensão para fins analíticos, serão enfocados alguns temas tidos como relevantes para a discussão e pertinência da Anpege na produção científica brasileira.

I - O FAZER E O DESFAZER DO MUNDO

O mundo modifica sua fisionomia numa rapidez incrível. A trama complexa do mundo conectado por redes, interligado em velocidade com aceleração impensada há poucos anos atrás, impôs um novo papel à Geografia. Há, sem dúvida, uma íntima relação entre o capitalismo em suas diferentes fases e a produção de um saber geográfico vinculado à ampliação deste mundo moderno, mundo este que é o mesmo quanto à sua extensão. Entretanto, nele, as sucessivas mudanças nas relações entre sociedade e natureza, geraram uma multiplicidade de paisagens culturais, formas interativas diversas, a maioria delas colocadas no circuito de transmissão e recepção de dados e de informações com o advento da informática. O computador auspiciou a vulgarização da ciência, e a Geografia, por sua vez, utilizando-se deste novo meio, projetou-se para outros segmentos voltados à reflexão e análise da realidade. A leitura de mundo produzida pela Geografia, no contexto do domínio da técnica contemporânea sob a égide das redes informacionais e da velocidade, impôs uma revisão nos pressupostos teóricos de nossa ciência, exigindo dela uma nova concepção, calcada em novo postulado capaz de dar conta às novas demandas. Nesta perspectiva, pode-se pensar a ciência como

...um sistema articulado de conhecimento, como uma estrutura cognitiva, o que nos conduz à história dos conceitos e das idéias, à história da formulação, confrontação, aceitação e crítica das teorias, à história das estruturas lógicas da ciência avaliadas com critérios exigentes de cientificidade. Podemos, porém, também pensar nela como forma de atividade, como estrutura institucional que permite ou facilita tal atividade, como História social da ciência.¹

Da Geografia, como ciência, espera-se que seja capaz de extrapolar a tradicional pecha que pesa sobre ela, quando lhe é atribuída a condição de ciência isolada, omissa em relação aos problemas políticos do mundo, conforme os defensores de uma Geografia neutra, distante dos interesses sociais, atada aos interesses do Estado e, por conseguinte, dos grandes grupos corporativos. Malgrado seu isolamento, segundo as concepções de Capel, a AGB e a Anpege estariam cumprindo o papel de resgatar a historicidade da Geografia tanto na perspectiva de sua epistemologia quanto na condição de estrutura institucional.

II - UM MUNDO EM PERMANENTE MUTAÇÃO

A crise contemporânea enseja o desenho de cenários fortemente ancorados na reconstituição histórica desse amplo campo de conhecimento, com vasto espectro, que é a Geografia. As mudanças recentes na geopolítica mundial, a emergência de novos blocos de poder e o pressuposto da globalização, sugerem uma linha de raciocínio que tem na reestruturação produtiva, na acumulação flexível e no neoliberalismo, os novos fundamentos do atual contexto da economia capitalista. A redução paulatina do Estado, o esfacelamento gradual e contraditório da noção de limites e fronteiras com a formação de blocos supra-nacionais e fragmentação de outras nações produzem uma complexidade que impõe à Geografia um refinamento analítico, vislumbrando uma leitura mais acurada do real. Nesta perspectiva, a discussão em torno da presença de escolas nacionais, suas tendências e suas relações com as ciências humanas no Brasil, exige uma cuidadosa revisão de nosso passado recente para que se possa verificar os desdobramentos e as performances dessas escolas no Brasil, na conjuntura dinâmica do universo científico nacional com seus ajustes e adaptações.

Assimilar a dinâmica do processo de construção e produção da Geografia brasileira no conjunto das ciências humanas, impulsiona a perspicácia de se

³ CAPEL, *op. cit.*, p. 11.

obter uma visão que permita vislumbrar uma possibilidade de existência e permanência autônoma, enquanto campo tradicional do conhecimento. Haverá lugar para escolas científicas no mundo contemporâneo? O que é hoje uma escola científica? O mundo globalizado perdeu a noção de fronteiras nesse momento de farta efervescência econômica, dominado pela globalização. O pensamento científico voltado a uma atividade racional mais ampla, agora informatizado e transmitido via satélite, dificulta delimitar e destacar genuínas escolas nacionais. O remanescente de escolas sucumbe face aos meios convencionais, posto que a *internet* e as novas tecnologias de comunicação corrompem a noção de distância, cruzam dados e informações e propiciam a rápida difusão de inovações. Os acordos internacionais e outras modalidades de convênios estabelecem uma nova relação espaço e tempo, no processo de produção científica. Sob a égide da velocidade, a ciência também se submete, ou talvez, esteja mais submetida à força da supra essência das atuais relações capitalistas de produção, agora super impulsionadas pela globalização.

III - LER E INTERPRETAR O MUNDO

A institucionalização de escolas geográficas

Tratar de escolas geográficas neste contexto requer uma compreensão da Geografia moderna que se submete aos processos socioespaciais, incluindo a concentração e fragmentação do território, a formação de blocos e estilçamento nacional de estados tradicionais. A Geografia, em sua abordagem, evidencia a relação entre saber e poder, entre a consciência, existência e resistência, bem como entre a construção de autonomias políticas, por meio dos movimentos sociais. Fica patente o peso do saber, do fazer, do instituir-se, da instauração da regra e da disciplina na organização das diferentes sociedades. O acompanhar da evolução do pensamento geográfico, permite constatar situações, fatos e idéias que expressam o peso do conhecimento desta ciência em vários momentos de importantes decisões políticas, dentre elas uma extrema flexibilização de fronteiras, ampliação de estados, formação de vastos impérios, desaparecimento de outros, guerras, lutas, levantes, genocídios. Seria possível enumerar vários exemplos de natureza geográfica diante da dinâmica

do território mundial com seus fluxos comerciais, mudanças de rotas, trocas culturais, profusão de línguas, dialetos, arte, religião, folclore etc.

IV – GEOGRAFIA

Diversos olhares

Concepções diferentes tentam interpretar a Geografia buscando razões explicativas. Seria essa ciência mais uma determinação ou uma possibilidade desses encontros e desencontros na história? Como ultrapassar o limite anestesiante do falso debate entre as correntes deterministas e possibilistas de suas principais escolas (alemã e francesa) do século passado? Tentando avançar nas respostas, assim afirma Capel:

Pode ocorrer que numa disciplina bem elaborada existam opiniões diferentes e confrontantes a respeito do problema essencial da mesma: é seguramente o que ocorre na geografia, ciência para a qual, ao longo de nosso século, se propuseram diferentes definições, podendo-se distinguir, pelo menos, dois problemas-chave, sem dúvida relacionados mas distintos: o da relação homem meio e o da diferenciação do espaço na superfície terrestre.⁴

Transposto esse dilema, o saber geográfico adquire outro peso quando traduzido em forma de conteúdo escolar, emprestando o foro de ciência, pedagogicamente formatada enquanto matéria obrigatória nos bancos escolares. A Geografia, a partir desse momento, quando passa a incutir uma visão de mundo, ou melhor, visões de mundo, cria uma forte relação na construção e aperfeiçoamento da democracia e renovação constante da noção de direitos, abandona o rótulo de ciência puramente enciclopédica e renova sua forma de ver o mundo.

V - GEOGRAFIA E PROCESSO CIVILIZATÓRIO

⁴ CAPEL, op. cit., p. 14.

O mundo visto a partir da Europa

É na Europa que a Geografia se institucionaliza enquanto disciplina escolar e é lá, também, no continente berço da Revolução Industrial, concentrador e divulgador de suas idéias, que se desenvolve o que há de melhor em termos de técnicas cartográficas, produzidas sob os auspícios da Geografia, resultando em mapas complexos e variados, contendo as mais perfeitas representações do mundo para os europeus. Neste sentido, a Geografia inscreve-se como mercadoria de qualidade, aliás, de excelente qualidade. A colonização européia mundo a fora, a divulgação de seus ideais comerciais liberalizantes e sua *ação civilizadora* faz da Geografia uma força estratégica, mais do que isso, uma arma. Essa posição de destaque logo lhe proporciona uma razão instrumental. Ao mesmo tempo, isso impede o avanço deste ramo do conhecimento em direção à modernização teórico-conceitual, como a que se passava com outros ramos científicos nestes tempos efervescentes do Iluminismo. A geografia pegava carona com aquilo que lhe interessava. Com Darwin, por exemplo, prende-se apenas a um aspecto do evolucionismo.

VI - AS RESISTÊNCIAS

Considerada por alguns como uma das mais antigas disciplinas acadêmicas, por que não, uma das mais importantes desse período prestigioso da história, a Geografia, esse vasto campo do conhecimento, furta-se às novas formulações, permanece congelada, incapaz de explicar a complexidade do quadro de realidade extremamente dinâmico, quase fluido, daqueles anos de mudanças rápidas e bruscas. Tem, na verdade, encontrado sérias e fortes resistências para situar-se ao lado de outras ciências e permanecer merecedora do título de verdadeiramente científica.

VII - DO FÍSICO, DO HUMANO E DO INFORMACIONAL EM GEOGRAFIA

Esse questionamento feito à Geografia já é muito antigo. Por tratar-se de um campo do conhecimento ligado a problemas concretos, logo, sem hipóteses explícitas, a Geografia, prontamente caracterizou-se pelo empírico, calcado nas experiências, ao contrário de outras ciências que discutem a validade de suas demandas e modelos. Essa dificuldade da geografia permanece, constitui, na verdade, o seu grande entrave, mas, também, sua maior razão de ser e de se fazer ciência. A dicotomia Geografia física e Geografia humana, seus dois principais ramos, escora-se na questão central da ciência geográfica que é sua estruturação fundada na relação sociedade versus natureza. A questão tem sido difícil de ser respondida pela Geografia. Repleta de perspectivas racionalistas e idealistas, busca construir uma unidade e, de tempo em tempo, alguns de seus ramos tradicionais, os que realmente lhe garantem identidade, praticamente adquirem autonomia.

Desde que MARSH (1864) colocou a questão sobre o lugar do homem no meio ambiente, perguntando se ele realmente fazia parte dele ou se ele seria superior a tudo que estava à sua volta, surgiu a visão racionalista que considera o mundo constituído de dois sistemas: o natural e o humano. Por oposição, elaborou-se a visão idealista, centrada no homem e que parte do pressuposto de que ele é parte integrante do mundo e, dele não pode se separar. Na verdade, este tem sido o eterno dilema da Geografia. Questionar qual o limite dessa ciência em sendo analítica e explicativa da realidade enquanto natureza e, ao mesmo tempo, qual seu limite em sendo sociedade? Unida ou dividida nessa visão, descrição, interpretação e explicação do planeta terra em toda sua complexidade, denota-se que a própria visão de planeta como objeto de estudo, já não cabe hoje como ocorria a poucos anos atrás. A análise detalhada das relações travadas entre sociedade e natureza, criaram um desconforto para o geógrafo, preocupado em focar a terra em sua totalidade. O advento da globalização da economia, o avanço técnico-científico, sobretudo no setor das telecomunicações, reconceituaram o mundo, alteraram a razão maior de sua explicação – exigiram um maior refinamento das análises geográficas, impuseram maior definição de seu campo operacional. Os conceitos de *ciberespaço*, de telecomandos no mundo dominado pela aceleração faz a Geografia revisitar cientificamente a terra.

A produção do saber geográfico hoje se dá sobre outras bases, posto que

a Geografia, na tentativa de construir sua própria epistemologia, esta capaz de cobrir sua vasta área de análise – a superfície terrestre – insiste na sua renovação. Essa superfície já não se explica isoladamente, o que aumenta o nível de dificuldade de construção desse ramo do conhecimento e, ao mesmo tempo, amplia seu campo de investigação.

Nesse percurso longo e difícil a Geografia construiu sua história, ganhou notoriedade, respeitabilidade. Tempos houveram em que intelectuais reuniam-se em torno de sociedades de Geografia como as de Paris, criada em 1821, Berlim, em 1828 e Londres, em 1830. Os ares de cientificidade emprestavam à Geografia o charme do método, da teoria, da análise. Para Capel,

A institucionalização e a profissionalização, com a conseqüente formação de comunidades científicas, têm desempenhado papel essencial na constituição e no desenvolvimento das disciplinas científicas. Através dessas comunidades, apoiadas em instituições acadêmicas e de pesquisa, avançou-se no processo de especialização, que tem sido decisivo para o progresso científico, a partir dos séculos XVIII e XIX.⁵

Em se tratando da Geografia, sua base empírica, as expedições, as viagens e os trabalhos de campo revestem esse setor do conhecimento de mistério, de aventura, do novo, do desbravar o desconhecido que faz esta ciência ganhar mais peso e fôlego. Instrumentaliza-se, torna-se um saber a serviço do poder.⁶ Abordando esse assunto no contexto da discussão da *utilidade* da Geografia, Lacoste foi enfático:

Colocar para início de conversa que a Geografia serve antes mais nada para fazer a guerra não implica dizer que ela só serve para realizar operações militares. Ela serve também para organizar territórios não somente em previsão de batalhas que poderia livrar tal e tal adversário, mas também para melhor controlar os homens sobre os quais o aparelho de Estado exerce sua autoridade. A Geografia é antes de mais nada um saber estratégico estreitamente ligado a um conjunto de práticas políticas e mi-

⁵ CAPEL, op. cit., p. 15-16.

⁶ SANTOS, M. *Por uma Geografia nova*. São Paulo: Hucitec, 1978. p. 93.

litares.⁷

Analisando a evolução e estruturação do campo científico da Geografia, assim se coloca Capel: "A respeito do século XIX, o estudo desse *corpus* é realizado dentro de uma análise mais geral, dentro do papel da Geografia, utilizando os conceitos espaciais na formação militar."⁸

VIII - OS GEÓGRAFOS FORAM GRANDES VIAJANTES

A observação *in loco*, razão maior de sua existência, passa a ser um entrave ao seu desenvolvimento. Impossível construir-se teorias gerais diante de um painel tão diferenciado, desse mosaico em que se constituem as diversas regiões geográficas – herança maior dessa ciência à sociedade. Voltada dessa forma para o empírico e, reforçando essa técnica de coleta de informação no contexto da metodologia preferencial de análise dessa ciência, a Geografia dá as costas para o avanço técnico-científico, incorporando lentamente as inovações, apresentando baixo nível de instrumentalização. Sua prática instrumental consiste na cartografiação do observado e limitado uso de base técnica mais sofisticada. Fragmentando o real, estudando região por região, a Geografia desenvolve um amplo e extenso universo conceitual: os de espaço, território, lugar, área, paisagem, escala e região, alguns, praticamente sacralizados na fase inicial e, convertendo-se, rapidamente, em conceitos populares, adquirindo as características do senso comum. Nesse sentido, a Geografia assume contornos especiais, produz e impõe uma difusão significativa de idéias geográficas. Nessa difusão, ela sofre uma espécie de mutilação.

A geografia escolar não consegue dar conta da transmissão do saber acumulado pela ciência. É claro que, em sendo escolar, seu conteúdo passa por uma seleção conceitual ideológica. O que vai ser veiculado estará intimamente ligado aos interesses do Estado em fomentar o ensino desta disciplina, qualquer que seja sua postura ideológica, além do mercado editorial, super interessado neste enorme e rico filão.

⁷ LACOSTE, Y. *La Géographie, ça sert d'abord, à faire la guerre*. Paris: Maspéro, 1982. p. 7.

⁸ CAPEL, op. cit., p. 37.

IX - A DESCRIÇÃO GEOGRÁFICA

O interior e a composição dos conteúdos dos livros didáticos tiveram e têm destacado papel na existência e reforço do papel do estado, posto que a Geografia analisa e descreve o território e o modo de vida nele estabelecido. A Geografia, em sua análise, traduz com base científica as características do real, exercendo importante papel na gestão do território. Os estados autoritários fazem um uso abusivo da geografia para fins de avaliação e controle do território. É conhecido o peso desta ciência na prática nazifascista, reforçando posições e posturas expansionistas calcadas no princípio do estado-nação. No caso brasileiro, o uso ideológico da Geografia, especialmente a veiculada nos livros didáticos, favorecia e reforçava uma visão idílica, impedindo e ou retardando uma análise mais crítica do país. Nesse mister, inscreve-se a visão da formação do Estado brasileiro, a questão da etnia encobrendo muitas vezes a perversão que foi o escravismo e tentando, muitas vezes, incutir a idéia de uma democracia racial. Para Capel, "As estratégias das comunidades científicas podem ser detectadas através da produção científica de seus membros (...) no interior da comunidade existe uma verdadeira luta pelo prestígio e pelo poder."⁹

A geografia produzida, sob este ponto de vista, é a expressão dos membros da comunidade científica, com seus acordos e conflitos. O mesmo se dá em relação às questões agrária e urbana, quando os textos escamoteiam as verdadeiras razões para que políticas sociais mais conseqüentes não sejam implementadas. Nos livros mais modernos, quando estas questões são tratadas de forma mais direta, elas perdem muitas vezes o caráter de conteúdo científico para assumir ares de textos panfletários partidarizados. É inegável que existe um saber geográfico popular. Ele é, indiscutivelmente, mais forte nas sociedades mais avançadas, mas não há dúvida que, no caso brasileiro, é forte a influência desse saber entre as comunidades, mesmo as mais carentes. Há uma idéia precisa de localização, de distância e de escala. O homem do campo, iletrado, aplica com uma certa precisão princípios elementares da Geografia

⁹ CAPEL, op. cit., p. 28-29.

física, especialmente da geomorfologia. A toponímia diz muito deste saber, desta capacidade interpretativa da paisagem que ultrapassa os limites da pura observação e contemplação. O que se vê, é uma forte capacidade analítica na denominação dos grandes domínios morfoclimáticos. No que tange à hidrografia e águas superficiais, é realmente digna de admiração a capacidade popular de escolher áreas para localização de suas residências e seus roçados. É também facilmente verificável a perda dessa capacidade de conviver e de lidar com a natureza quando se analisa os fluxos migratórios para as grandes e médias cidades. A luta mais acirrada pela terra urbana e não restando muita opção para a localização, o que se tem é o lugar possível, na maioria das vezes áreas de risco nas encostas ou áreas inundáveis, desprezadas até aquele momento pela capital.

X - ESTADO E GEOGRAFIA

No que tange à produção científica em Geografia, no pós-guerra, o estado foi paulatinamente perdendo terreno para a academia. Desde que adquiriu o estatuto de ciência, a Geografia sempre esteve próxima do Estado e, aliás, dele, sempre se beneficiou. Lacoste, no seu *A Geografia serve antes de mais nada para fazer a guerra*, enfoca os dois principais campos de ação desta ciência: "A Geografia dos Estados Maiores e a Geografia dos Professores."¹⁰ Este distanciamento no Brasil se explicita na medida em que a Geografia perde paulatinamente o apoio oficial, que lhe garantira a condição de possuir um órgão público voltado para sua produção, organização e aplicação.

Criado durante a vigência do Estado Novo, em 1936, o IBGE era constituído, na sua fase inicial, dos Conselhos Nacional de Geografia e Nacional de Estatística, posteriormente convertidos em institutos. O IBGE exerceu papel estratégico na configuração do Estado-brasileiro, por meio de um competente conhecimento e reconhecimento do território nacional. O legado científico é de valor inestimável, destacando-se o acervo cartográfico, fundamental na exploração econômica do país. Dentre as variadas e ricas publicações do IBGE, destaca-se a *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. No que tange aos períó-

¹⁰ LACOSTE, op. cit.

dicos, a *Revista Brasileira de Geografia* e o *Boletim Geográfico* influenciaram em muito o processo de formação e afirmação da Geografia do país.

Nos últimos anos, a ciência geográfica, na versão acadêmica, tem vivido seus melhores momentos. A proliferação de cursos de graduação com a licenciatura e o bacharelado, a disseminação de cursos de especialização e, nos últimos anos, a afirmação da pós-graduação *strictu sensu*, têm resultado numa produção geográfica de qualidade. Dessa dispersão de cursos de mestrado e doutorado, antes restrito às cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, ocorreu um interesse do setor editorial pela publicação de livros e revistas voltados ao conhecimento geográfico. Supera-se a fase do domínio de uma produção oficial controlada principalmente pelo IBGE.

De certa forma, atuando de modo paralelo e sempre atenta às mudanças, permanece a Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB, fundada por Pierre Deffontaines, em 1934, ano de criação do primeiro curso de Geografia no país, na Universidade de São Paulo – USP. A AGB, recebeu forte influência do IBGE, no Rio de Janeiro e do Departamento de Geografia da USP, em São Paulo. Enquanto entidade primaz dos geógrafos, consegue sustentar uma certa autonomia e converte-se na maior organização da categoria, configurando-se como escola de complementação formacional. Suas concorridas assembléias anuais reúnem a elite da Geografia brasileira, possibilitando contato entre aqueles mais experientes e os principiantes que freqüentam as reuniões realizadas pela entidade. Com a AGB, estruturada em todo território nacional com suas seções regionais, proliferam-se os boletins de Geografia, fundamentais para se conhecer o estado, cidade ou região onde está instalada cada seção. A AGB, até hoje, é extremamente significativa na formação de quadros para a Geografia brasileira. Todo esse aspecto revela o respaldo da base estatal oficial na estruturação da Geografia do país. À medida em que vai se consolidando enquanto saber acadêmico, a Geografia vai abrindo e garantindo espaço nos grandes debates nacionais na tentativa de alcançar o seu lugar mediante a importância de sua leitura na interpretação e análise do país.

Infelizmente, a Geografia, nos últimos anos, ainda não conseguiu elaborar um discurso sobre o Brasil, nos moldes dos já elaborados por outras áreas do conhecimento. Apesar da qualidade da produção geográfica brasileira, ela ainda insiste em não ocupar e desempenhar o seu papel. Neste sentido, na escala da produção, ocorre uma transferência gradual do público oficial mais

circunscrito à esfera do planejamento do país, à academia, espaço mais aberto e mais sujeito às críticas e sugestões.

Hoje, a Geografia tem uma certa autonomia. Mesmo na esfera dessa produção acadêmica é significativa a participação de geógrafos que tornaram-se ilustres e que são respeitados pelas demais categorias profissionais. Sem sombra de dúvida, a Geografia que se divulga está longe de se equiparar com a qualidade daquela que se produz. Abarcando toda a complexidade que essa ciência encerra, os geógrafos brasileiros têm demonstrado uma enorme capacidade de se inserir num debate mais atual. São inegáveis também os limites impostos pela produção e publicação de obras nesta área, em língua portuguesa, de circulação internacional restrita.

XI - DIVULGANDO A GEOGRAFIA

A produção de textos e livros científicos de fundamentação geográfica no Brasil é, indiscutivelmente, um instrumento de difusão e vulgarização desse campo do saber. Ele simboliza também a intermediação entre os agentes produtores e os pacientes consumidores nessa relação que se estabelece. Os livros científicos brasileiros traduzem a qualidade da formação e afirmação de uma escola geográfica nacional. É inegável que o Brasil mantém uma certa fidelidade às suas fontes internacionais de referência. A base brasileira é precária no tratamento de certos temas, vinculados ainda a referências estrangeiras, especialmente francesas. São poucos os autores brasileiros que foram incorporados. Por outro lado, há um certo pudor em relação à produção de textos didáticos, ocorrendo, inclusive, uma espécie de caça ideológica. Por esse e outros motivos, geógrafos renomados afastam-se dessa tarefa, extremamente importante na produção e reprodução do saber geográfico. Ressalte-se, entretanto, que esse distanciamento oportunizou o ingresso nessa tarefa de certos profissionais. Alguns inescrupulosos, com produção de livros plenos de falhas e erros, desatualizados, expressando tabus e preconceitos, desprezando os conceitos fundamentais da ciência geográfica, e, em muitos casos, com linguagem inadequada e péssimas ilustrações.

O mercado nacional do livro didático foi durante certo tempo dominado por um reduzidíssimo número de editoras. A entrada de novas editoras e prin-

principalmente de novos autores tem possibilitado, de certa forma, uma atualização do livro didático brasileiro. As editoras mais tradicionais que já tinham um certo controle do mercado, aderiram ao movimento de mudanças e modernização impulsionado pela AGB, por meio da Geografia Crítica, de fundamentação marxista-leninista, isso há mais ou menos 20 anos. De 1978 para cá, vive-se uma verdadeira revolução paradigmática, com sérias rupturas teóricas.

XII - POR UMA GEOGRAFIA CIENTÍFICA

Ancorada hoje no estatuto da cientificidade, a Geografia continua tão ou mais inquieta quanto nos seus primórdios. Preocupada em compreender a realização humana sobre a terra, a Geografia construiu um vasto arsenal teórico, uma multiplicidade de propostas metodológicas. Malgrado os erros, apresenta, em sua trajetória, muitos, muitos acertos. Ciência em expansão na atualidade, acusa uma valorização ímpar de seus profissionais, imprescindíveis nas equipes de pesquisa, ensino e planejamento. O percurso científico de seu aperfeiçoamento exigiu sua epistemologia, autorizando assim, sua atualização, propiciando constante ajuste desta ciência ao processo de criação e recriação social. Abordando o sentido das práticas sociais e suas concretudes, permitindo leituras e releituras de paisagens, territórios, lugares, na perspectiva da dinâmica espacial, deixa pouco a pouco sua crença principal, livrando-se das exaustivas descrições de regiões e itinerários.

Nesta perspectiva, a Geografia caminha, agora mais rapidamente, em busca de uma concepção mais científica, suficiente para interpretar a dinâmica social. Partindo do conceito de representação, capaz de fundamentar a Geografia cultural, apoia-se em seus princípios tradicionais, ajustando-se aos novos recortes e movimentos do mundo contemporâneo, mantendo-se, desse modo, fiel aos seus pressupostos basilares. A Geografia caminha na busca incessante da integração do saber socialmente construído com a subjetividade das práticas sociais. Busca compreender o sentido dos lugares, as especificidades dos territórios expressos nas paisagens. Acompanha, com acuidade, a dinâmica da relação sociedade *versus* natureza, na perspectiva de uma cidadania ambiental onde os conceitos de renaturalização da natureza e equidade social despontam como possibilidade. A Geografia é isso e muito mais. Ela é uma

porta aberta à múltiplas interpretações.

A AGB, os departamentos e os programas de pós-graduação em Geografia têm prestado um serviço ímpar na produção e valorização científica e social de nossa ciência.

XIII - A GEOGRAFIA E A ANPEGE

A criação da Anpege vem permitindo um trabalho de sistematização da produção geográfica brasileira. A acelerada expansão dos cursos de pós-graduação e, principalmente, o recente processo de descentralização da produção científica brasileira, vêm exigindo da Anpege uma postura mais aguerrida na perspectiva de buscar novas fontes de financiamento da pesquisa, democratizando o acesso e abrindo possibilidades de renovação de agentes produtores.

XIV - A HORA E A VEZ DA GEOGRAFIA BRASILEIRA

A Geografia firma-se cada vez mais como escola autônoma ou melhor, escolas autônomas. A extensão e diversidade de paisagens do país permite múltiplas leituras. O IBGE, os departamentos de Geografia, a Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB e, por fim, a Anpege, criaram ambientes propícios para que essa ou essas escolas se desenvolvessem. O contato com membros de escolas nacionais no país ou no exterior, foi fundamental para o aprimoramento da Geografia brasileira. Hoje é possível fazer a leitura do Brasil. Aqui, a Geografia com suas matizes herdadas da Geografia francesa, alemã e americana contribui com as ciências humanas, tornando-se um saber indispensável na compreensão do Brasil contemporâneo.

O contexto político brasileiro favorece a discussão sobre o fomento de pesquisa científica, especialmente no campo da Geografia. Espera-se que a Anpege, chancela e auspício um encontro maior entre os agentes produtores do conhecimento geográfico e propicie, por meio de linhas de divulgação, uma grande difusão da produção geográfica brasileira. Esta postura não deve ser restrita ao ambientes de pós-graduação, muito pelo contrário, espera-se uma

grande interação entre os departamentos e coordenações dos cursos de bacharelado e de licenciatura, as coordenações dos cursos de pós-graduação *latu e strictu sensu*. Ao reunir pessoas para refletir sobre as alternativas de políticas públicas voltadas à produção científica em Geografia, estará a Anpege prestando um grande serviço à ciência brasileira.

A sociedade reclama por uma redefinição do Estado brasileiro tão descaracterizado e privatizado nos últimos anos. A fase de desmonte deixa marcas indeléveis em sua estrutura. O Estado foi e continua sendo basilar para a manutenção da Geografia brasileira. A universidade pública tem sido o principal agente no processo de produção do conhecimento geográfico. A pós-graduação tem nas instituições públicas de ensino superior sua base de sustentação. A Anpege, para dar conta de sua missão maior no planejamento – acompanhamento e controle da pós-graduação em Geografia –, estabelece uma relação umbilical entre as agências de fomento à pesquisa e as universidades, especialmente as públicas. A pós-graduação não se descola da realidade em que as universidades estão inseridas. Se a universidade vai mal, a pós-graduação segue o mesmo caminho. A universidade vive um momento crítico, exigindo uma análise detalhada de seu perfil e de seu papel social. É momento de defendê-la, pois é intensa a campanha para desqualificar as instituições públicas de ensino superior – IES. Elas são, em nosso país, a mola mestra de nossa produção científica em Geografia e, sendo ela competente, está intimamente vinculada à qualidade da universidade.

A pós-graduação não pode e não deve ficar alheia aos problemas existentes na graduação. É legítimo exigir que o sistema de ensino superior proporcione à sociedade a possibilidade de responder aos desejos de formação profissional competente.

A educação de terceiro grau, vislumbrando a pós-graduação, requer formação profissional de nível universitário com freqüente difusão e discussão sistemática da cultura superior, aberta à participação de todos. Gerar, repassar e aplicar esses conhecimentos eis a missão da universidade. Neste mister, emerge uma enorme responsabilidade para a Anpege.

É bom lembrar que "A finalidade primeira da Universidade e de suas unidades é a criação de conhecimento novo e a disseminação desse conhecimento."¹¹ A difusão é fundamental. Uma linha editorial de qualidade e o adequado uso da mídia tornam-se prioritários na disseminação do conheci-

mento científico.

Essa indissociabilidade entre ensino e pesquisa se refere a todos os graus de ensino e, sobretudo, ao ensino superior. A complexidade crescente do saber, a enorme diversidade das especializações possíveis, a heterogeneidade crescente das ocupações e profissões faz com que se torne cada vez mais necessário integrar o saber e a pesquisa com a formação profissional.

Devido esse aspecto da cultura da universidade, a formação profissional não deve se restringir às demandas da escola, da indústria e do mercado, mas deve significar apropriação do conhecimento científico sobre o processo produtivo a partir de uma visão crítica que deve ser encarada como parte do processo regular do ensino e que culmina na formação do profissional em nível superior. Seu sentido deve ser o de formar para a cidadania e apontar para uma nova visão de sociedade que supere os graves problemas do capitalismo.

Os cursos profissionais são regulamentados por leis, mas é fundamental que essas leis colaborem para uma concepção de universidade como instituição dedicada a possibilitar o avanço do saber e do saber fazer – o espaço da invenção, da teoria, da descoberta, dos novos processos.

Refletir sobre a formação profissional deve sempre reportar à questão da função social da universidade e sua responsabilidade e compromissos sociais com os interesses da população trabalhadora. Para Álvaro Vieira Pinto, sobretudo “numa nação sub-desenvolvida como a nossa, enquadrada no complexo do Imperialismo, a Universidade não vem contribuindo para criar a autêntica cultura que o país reclama.”¹²

Também a formação profissional, dada pela universidade, deve ser coerente com sua inserção na sociedade, assim “suas funções devem ser pensadas e trabalhadas levando-se em conta as exigências da sociedade nascidas de suas próprias transformações num mundo em constantes mudanças e crises.”¹³

O trabalho que realizamos, o conhecimento que produzimos, os profissionais que preparamos devem, com certeza, “identificar a Universidade com a sociedade brasileira no seu esforço de desenvolvimento material e espiritual, criando e semeando a cultura, a fim de que esta, juntamente com a liberdade,

¹² FÁVERO, M. de L. A. Ensino superior, universidade e a nova LDB – encaminhamentos de questões. *Espaço Aberto*, Brasília, ano 7, n. 38, abr./jun., 1988.

¹³ PINTO, Á. V. *A questão da universidade*. São Paulo: Cortez, 1986.

¹⁴ FÁVERO, op.cit.

venha tomar-se dos bens mais preciosos possuídos por todo o homem do povo"¹⁴

Ora, se preparar profissionais e educar é transmitir idéias, conhecimentos, saber-fazer e prática, em nenhum momento teoria e prática podem estar desvinculadas. Pelo contrário, a formação profissional busca permanentemente romper a clássica dicotomia teoria e prática.

Nessa relação, vê-se que a própria teoria implica em uma prática que ocorre no movimento da realidade, mas é de fundamental importância compreender que a teoria não se confunde com a prática (nem vice-versa), o que nos leva à necessidade de considerar a especificidade de cada profissional. Do contrário, privilegia-se ora uma, ora a outra, caindo-se inevitavelmente no ativismo ou no teorismo.

A questão dos conteúdos é prioritária. São eles os veículos das teorias no que tange ao conhecimento, aos princípios. O problema metodológico deve estar subordinado a ele, mas sem ignorar a importância específica deste. Aqui, há de se distinguir a diferença entre tecnicismo e técnica. Abominar o tecnicismo não significa desprezar a técnica.

A teoria passa pelo caminho dos conteúdos, organizados em disciplinas acadêmicas. Parece-nos fundamental que um currículo de um curso de formação tenha um eixo teórico, uma identidade. E que a prática (ação) seja coerente com a teoria afirmada em palavras (proclamada) e a teoria afirmada na ação (realizada). É difícil a articulação desses níveis: ora se cai no empirismo, ora no teorismo.

Num curso de graduação, parece-nos fundamental que os alunos conheçam as principais vertentes teóricas de seu campo de conhecimento antes de eleger uma delas como sua proposta. Não deve ser esquecido que uma teoria é prática à medida que se materializa na sua *praxis*. Não se pode ignorar um dos veículos mais importantes utilizados pela academia como inculcador de idéias, teorias, conteúdos – os livros didáticos. A escolha dos livros didáticos é, por isso mesmo, de fundamental importância na formação profissional. Neles deve estar muito clara a teoria que lhes dê acuidade política para que se sintam comprometidos com determinado projeto de sociedade. Assim, este comprometimento exigirá de professores e alunos condições de análise da realidade nacional, compreensão dos condicionamentos ideológicos e percepção das re-

¹⁴ PINTO, op. cit.

ais vinculações da universidade com a sociedade global. E como a *praxis* nunca se dá em plano individual, há a necessidade de se apoiar e fomentar as organizações das categorias profissionais. Para Paulo Freire, "a *praxis* verdadeira que consiste num processo de libertação e na busca de transformação do mundo, exigirá que o professor, através da consciência tome distância da cotidianidade em que geralmente se acha imerso e permita a emersão da realidade e o seu conseqüente desvelamento."¹⁵ Fechando o tema,

- Considerando que cada programa de pós-graduação em Geografia mantém sua vinculação com a administração superior de suas instituições e os respectivos órgãos de fomento, pergunta-se quais os limites e as competências de uma instituição como a Anpege?

- Considerando-se o expressivo número de cursos de graduação em Geografia no país, deveria ser maior a demanda pela pós-graduação específica. Entretanto, tem aumentado o coro dos que falam do chamado *fracasso da formação*, insistindo na discussão da precariedade dos cursos de graduação – alunos desmotivados, sem interesse, que concluem o curso com aproveitamento medíocre, interrompendo aí seu processo de formação. A partir do exposto, qual seria o papel da Anpege no processo de melhoria da qualidade da graduação?

- Pensar *fracassos da formação*, pressupõe apreender de que forma o geógrafo se insere no mercado de trabalho. Existe a possibilidade da Anpege discutir uma questão corporativa, considerando que ela é aberta ao ingresso de profissionais provenientes de várias áreas do conhecimento?

A Anpege, enquanto entidade máxima da pós-graduação em Geografia, apesar de sua história recente, firma compromisso e, certamente, ampliará sua contribuição na formação de profissionais conscientes e competentes.

São muitas as expectativas em relação à Anpege. Espera-se que ela não se restrinja à sua ação burocrática articuladora. A Geografia brasileira tem uma história, um compromisso social sério: desvendar cientificamente o que os olhos vêem e não interpretam. AGB e Anpege podem, em conjunto, elaborar trabalhos excelentes. "As comunidades científicas se estruturam em comunidades especializadas (...) a criação de revistas especializadas no novo campo científico, os intercâmbios de informação e a comunidade de leituras vão constituin-

¹⁵ FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

do uma comunidade de pensamento entre o núcleo inicial, que pode estar composto por um grupo de pessoas relativamente limitado.¹⁶ Quanto à prática política da Anpege, sua condição de entidade histórica, inscrita na realidade cotidiana dos cursos de pós-graduação em Geografia, deve se revelar combativa na reversão do quadro crítico em que se encontra a universidade. Espera-se da Anpege um desempenho político compatível com a sua importância. Que ela propicie uma pós-graduação dinâmica, ativa e de qualidade, que cumpra seu compromisso com a sociedade, atuando no ensino e na pesquisa, de forma integrada e dinâmica. Que a Geografia permaneça envolvendo e comovendo outros profissionais. Que sejam geógrafos ou *espaçólogos*, o importante é que a Geografia instigue, que continue insinuante e sedutora.

Essa geografia é encantadora, porém um pouco sentimental. É bom que os que a praticam descubram o mundo com um olhar ingênuo e que sejam capazes de surpreenderem-se e de ficarem maravilhados; porém será que não devem, a um certo momento, ter atitudes menos ingênuas, mais críticas? É a reação de muitos: temem que a moda do espaço vivido desacredite a geografia.¹⁷

Claval sugere que a Geografia não tenha medo de ser feliz, que seja capaz de indagar questões complexas e que ela seja cada vez mais científica sem jamais, entretanto, perder a ternura.

REFERÊNCIAS

¹⁶ CAPEL, op. cit., p. 23.

¹⁷ CLAVAL, P. A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da geografia. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (Orgs.). *Epistemologia da Geografia*. Curitiba: Editora da UFPR, 2002. p. 11-43.

- CADERNO ANDES. Um perfil da educação do Cone-Sul. Brasília: Itamarati, n. 12, 1994.
- CAPEL, H. S. O nascimento da ciência moderna e a América. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 1999.
- CARDOSO, L. C.; MARTINIÈRE, G. *France-Brésil, vingt ans de coopération*. Paris: IHEAL/PUG, 1984.
- CLAVAL, P. A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da Geografia. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (Orgs.). *Epistemologia da Geografia*. Curitiba: Editora da UFPR, 2002. p. 11-43.
- FÁVERO, M. de L. A. Ensino superior, universidade e a nova LDB – encaminhamentos de questões. Espaço Aberto, Brasília, ano 7, n. 38, abr./jun., 1988.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- GEORGE, P. *Le Mâier de Géographe*. Paris: Armand Colin, 1990.
- LACOSTE, Y. *La Géographie, ça sert d'abord, à faire la guerre*. Paris: MASP/ED, 1982.
- MONTEIRO, C. A. F. *A Geografia no Brasil (1834-1977): avaliação e tendências*. São Paulo: Instituto de Geografia, USP, 1980.
- MORAES, A. C. R. *Geografia – pequena história crítica*. São Paulo: Hucitec, 1981.
- PINCHEMEL, P. L'Aventure géographique de la terre. In: _____. *Encyclopédie de Géographie*. Paris: Economica, 1992.
- PINTO, Á. V. *A questão da universidade*. São Paulo: Cortez, 1986.
- QUAINI, M. *Marxismo e Geografia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- SANTOS, M. *Por uma Geografia nova*. São Paulo: Hucitec, 1978.
- SILVA, J. B. *A França e a formação da escola brasileira de Geografia*. Fortaleza, 1993. Tese (Concurso de professor titular), UFC.
- SILVA, J. B. Cidadania, lugar e globalização. In: VALENÇA, M.; GOMES, R. de C. (Orgs.). *Globalização & Desigualdade*. Natal: 2002. p. 136-151.
- VILLÇA, F. Um ângulo de síntese: a análise do espaço. In: GONÇALVES, M. F.; BRANDÃO C. A.; GALVÃO, A. C. (Orgs.). *Regiões e cidades, cidades nas regiões*. São Paulo: Unesp/Anpur, 2003.